

JOSÉ THEODOMIRO DE ARAÚJO: “VELHO DO RIO”

JOSÉ THEODOMIRO DE ARAÚJO nasceu no dia 18 de abril de 1937, em Afrânio, distrito do município de Petrolina, no Estado de Pernambuco.

Filho de Theodomiro de Souza Araújo, comerciante, e de Francisca Cavalcanti de Araújo, do lar, aprendeu as primeiras letras nas poucas e modestas escolas isoladas existentes naquele distrito.

Em 1947, José Theodomiro, já dominando as lições de português, aritmética, geografia e história do Brasil, prestou exame de admissão ao ginásio, logrando aprovação.

Em 1948, ele se matriculou no Ginásio D. Bosco na cidade de Petrolina, e, em 1951, concluiu o curso Ginásial, equivalente, hoje, ao ensino fundamental, habilitando-se, então, ao segundo Ciclo Secundário.

Em fevereiro de 1952, aos quatorze anos, ainda na pequena Petrolina, cidade situada à margem esquerda do rio São Francisco, comia o cuscuz com carne de bode assada. Nesse mesmo ano, seus pais resolvem mandá-lo para Salvador - BA para continuar os estudos secundários a serem custeados com os poucos recursos adquiridos no comércio do pai com a venda de produtos agropecuários.

Petrolina, terra de clima semiárido e ensolarada, desde janeiro de 1952, já sofria com a falta de chuvas, mas, mesmo diante do prenúncio de uma seca, os sertanejos não desanimavam. Na verdade, aguardavam ansiosos, sobretudo, pela passagem do equinócio, 19 de março, dia de São José, para definitiva consulta ao clima. Se nesse dia chovesse, era sinal de bom inverno. Infelizmente, naquele ano, o sol abrasador atravessou o firmamento do sertão pernambucano sem uma nuvem sequer. A seca foi inevitável. Com cinquenta e sete anos de vida e uma população de 27.330 habitantes,

Petrolina era uma cidade nova que construía a sua bonita história inspirada na religiosidade sob a liderança do seu primeiro Bispo Diocesano Dom Antônio Maria Malan. Vivendo esse ideal de fé, os petrolinenses já nutriam as esperanças de um desenvolvimento glorioso. Um exemplo disso é a autorização para a construção da ponte sobre o rio São Francisco, unindo Petrolina - PE a Juazeiro – BA, que já era uma realidade, e a execução dos serviços se processava em direção ao necessário desenvolvimento dessa cidade.

De 1947 a 1955, na administração municipal, predominava o coronelismo da família “Barracão”, na figura do coronel João Ferreira da Silva, o “João Barracão”. Esse coronel comandou os destinos de Petrolina nesse período. Dessa forma, foi, nesse cenário e nessas circunstâncias, que José Theodomiro transpôs o rio São Francisco e migrou para Salvador. Desde os preparativos da véspera da partida, ele percebia que a própria adolescência seria vivida numa cidade grande, distante da querida terra natal.

Trilhou o caminho das águas, por onde muitos migraram desde os tempos em que era conhecida como a “passagem de Juazeiro”, ponto de convergência de várias rotas. Ali, em meados do século XIX, instalou-se um pequeno núcleo de apoio aos viajantes, elevado à categoria de freguesia em 7 de junho de 1862, pela Lei nº 530, e em maio de 1870, à categoria de vila pela Lei nº 921, denominando-se, assim, Vila de Petrolina, em homenagem a D. Pedro II e à esposa Tereza Cristina que visitaram a região nesse mesmo ano. A fração dos nomes, *Petro* de Pedro e *ina* de Cristina, deu origem à palavra Petrolina.

Naqueles tempos, os ricos comerciantes e a população em geral atravessavam esse novo vilarejo com o objetivo de comercializar e de viajar para as capitais e outras cidades dos estados de Pernambuco e Bahia. José Theodomiro seguia o destino dos seus antepassados, porém, viajava a fim de continuar os estudos.

Quando José Theodomiro nasceu, a memorável “passagem de Juazeiro” já era

emancipada e elevada à categoria de cidade pela Lei nº 130, de 28 de julho de 1895, preservando, todavia, o nome Petrolina em respeito à homenagem feita ao poder Imperial.

José Theodomiro partira, então, e levava as esperanças por um futuro promissor, mas esse seria construído sob rígidas recomendações dos pais. Dentre elas havia uma segundo a qual era preciso agir eticamente sempre para ser feliz e manter-se livre. Ele tinha consciência, porém, de que além da retidão de caráter que lhe era exigida, ainda lhe restavam duas obrigações a cumprir: disciplina e dedicação. Disciplina, que lhe seria exigida pelos padres no internato do Colégio ANTÔNIO VIEIRA, e dedicação, que lhe seria necessária para obter bons resultados nas provas do curso científico.

O Colégio ANTÔNIO VIEIRA, fundado em 1911, Obra da Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola no século XVI, ainda hoje, é famoso por seu trabalho missionário e educacional. Em 1954, nesse educandário, José Theodomiro concluiu o segundo Ciclo Secundário, correspondente ao Curso Científico, equivalente, atualmente, ao Ensino Médio.

Em dezembro de 1954, de posse do certificado de conclusão do segundo Ciclo Secundário, ele volta triunfante à Petrolina para as festas natalinas e, principalmente, para rever e abraçar os entes queridos e amigos.

Na chegada à querida terra natal, é tomado por uma inesquecível surpresa ao divisar a grande ponte Presidente Dutra, erguida sobre o “Velho Chico” como é, carinhosamente, conhecido o rio São Francisco na região de Petrolina e Juazeiro. Vale salientar que aquela obra suntuosa, inaugurada em 1954, e que, no passado, suspendia o vão central para a passagem do “Vapor”, e era, também, por onde passava o trem, nunca se apagou da memória dele. Essa geografia dos primeiros olhos foi fortemente internalizada por José Theodomiro. Dela guarda o retrato do contraste da beleza do rio com a variada paisagem vegetal do interior do Nordeste: a Caatinga.

Uma das consequências disso é que José Theodomiro começou a se interessar pelo rio São Francisco desde o tempo de estudante do curso ginasial. A partir daí, aumentou-lhe ainda mais o interesse lendo Graciliano Ramos (Vidas Secas), Raquel de Queiroz (O Quinze), Euclides da Cunha (Os Sertões), Gilberto Freire (Casa Grande e Senzala). Dessa forma, interpretando os velhos textos, conferindo-os, confrontando-os, tirando deles conclusões novas e imprevistas, solidificou-se-lhe a mais consciente visão do Semiárido Nordestino.

Tendo nascido no trecho mais árido do Vale do rio São Francisco, era natural que José Theodomiro se dedicasse aos estudos do Semiárido Nordestino e, em consequência disso, formulasse planos e projetos com o propósito de mudar o conceito que, durante séculos, estigmatizou o Nordeste, quando o sertão era destruído pelo flagelo da seca, como naquele ano de 1952.

Intensamente, aquela imensidão de água do rio São Francisco impressionava José Theodomiro, mas não pela quantidade, nem pelos aspectos da beleza e nem pelo lazer dos passeios turísticos no vaporzinho Saldanha Marinho. Mas, ao contrário disso, sobretudo, despertava nele o interesse pelo estudo da sociologia, para a compreensão da história e para a realização de pesquisas, visando o melhor aproveitamento dos recursos naturais para a promoção do desenvolvimento.

Em 1956, identificado com o meio rural, José Theodomiro prestou vestibular para a Escola Agrônômica da Bahia – UFBA, em Cruz das Almas – BA. Felizmente, ele é aprovado no vestibular e, em seguida, matricula-se no curso de Agronomia. Em 30 de novembro de 1959, para a alegria de todos, torna-se Engenheiro Agrônomo, aos vinte e dois anos de idade. Dedicando-se com afinco a essa profissão, almeja dominar a ciência agrônômica e, assim, se dedicar ao trabalho de exploração racional da terra e ao ensino das ciências agrárias.

Em 1959, escolhido orador da turma, elegeu o tema dogmático:

“Desenvolvimento do Vale do São Francisco”, inspirado no avanço do planejamento na era JK, reforçado com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, em 1959, marco inicial do desenvolvimento regional.

De posse do título de Engenheiro Agrônomo, orgulhava-se em se apresentar como “um catingueiro de Pernambuco, do município de Afrânio, antigo distrito de Petrolina”. E prova maior da dedicação à Caatinga e ao Semiárido, ele não poderia dar, após concluir o curso universitário, senão decidir retornar ao sertão para trabalhar no Serviço de Extensão Rural da Bahia.

A Extensão Rural é um serviço educativo baseado em princípios cooperativos, que tem por filosofia ajudar o homem do campo a ajudar-se a si próprio. O José Theodomiro se dispôs a levar os conhecimentos da ciência agrônômica aos agricultores, que ainda cultivavam a terra baseados em conhecimentos empíricos transmitidos de geração em geração.

Após decidir-se pela Extensão Rural, surgiram outras propostas de emprego em outras instituições que lhe ofereciam melhores condições sociais e salariais. Ele as repelia todas, mesmo diante da insistência dos familiares que se preocupavam com o futuro dele e com o próprio sucesso profissional. Sintetizava a recusa com uma citação latina, assimilada, provavelmente, nos tempos de aluno no Colégio dos Jesuítas: *acquiescat decisis*, aceite o que foi decidido.

Reafirma-se, assim, a disposição do José Theodomiro em servir ao povo, transmitindo os ensinamentos adquiridos na Universidade e acrescentando-os aos trabalhos desenvolvidos por aqueles que não tiveram a oportunidade que ele teve de estudar. Cumpria-se, a profecia do seu nome de batismo: José, de origem Bíblico, que significa *aquele que acrescenta*; Theodomiro, de origem Teutônico, quer dizer *aquele que ficou famoso no meio do povo*.

E, assim, em 11 de maio de 1960, inicia as suas atividades profissionais na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia – ANCARBA, no município de Olindina - BA no cargo de Supervisor Local. Muitos foram os conhecimentos agronômicos e as experiências que ele transmitiu aos agropecuaristas daquele município.

Embora realizado profissionalmente, pondera sobre a possibilidade de mudar de emprego. Naquela organização, a área de atuação dele estava limitada ao município de Olindina, por norma regimental da ANCARBA, privando-lhe de expandir os conhecimentos para outros municípios do Vale.

Em outubro de 1961, é admitido na Comissão do Vale do São Francisco – CVSF, criada pela Lei nº 541 de 15 de dezembro de 1948.

Pela Portaria nº 184 é nomeado na função de Agrônomo, código TC. 101-20A, sendo designado Chefe dos Postos de Assistência à Irrigação do Submédio São Francisco, no município de Santa Maria da Boa Vista – PE, permanecendo nesta função no período de setembro de 1961 a junho de 1968.

Em 1962, julgando-se seguro para assumir o compromisso do matrimônio, casa-se com Geni Ramos da Silva Araújo, com quem teve quatro filhos: Daniele, Mônica, Rommel e Yuri, hoje, assumidos pais de família e competentes profissionais.

O Decreto-Lei nº 292, de 28 de fevereiro de 1967, cria a Superintendência de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – SUVALE, e extingue a CVSF.

A partir de 15 de maio de 1968, é contratado pela SUVALE. Pela Portaria nº 210, de 6 de agosto de 1968, é designado Chefe dos Serviços de Valorização Rural da 5ª Agência Regional da SUVALE, em Juazeiro – BA. Pela Portaria nº 222, de 8 de agosto de 1968, é designado Chefe Substituto da 5ª Agência Regional.

No período em que esteve na SUVALE, 1968 – 1972, coordenou a implantação

dos perímetros de irrigação Bebedouro, Mandacaru, Curaçá e Maniçoba, no município de Juazeiro - BA.

Pesquisador por natureza e por formação, conhecia as peculiaridades do clima e as potencialidades do solo do Vale do São Francisco. Foi o responsável pela introdução das primeiras mudas de uva no submédio São Francisco quebrando muitos paradigmas, para transformar Petrolina e Juazeiro no Polo de Desenvolvimento da Fruticultura, obtendo estas duas cidades, a partir de então, um forte crescimento econômico e populacional. Em decorrência desse progresso, a cidade de Petrolina adquiriu, espontaneamente, o *status* de “Califórnia Sertaneja”, “Capital do São Francisco”, “Capital da Uva”, “Capital das Frutas”.

Em novembro de 1972, pediu exoneração do serviço público. Nesse mesmo ano, ingressa na iniciativa privada onde se afirmou e prosperou pelo seu espírito empresarial revelado pela visão de futuro e pela coragem de inovar. No período de 1972 a 1976, fundou e gerenciou a empresa Sociedade Agropastoril do São Francisco Ltda. - SAFRA, organização pioneira no trabalho de fruticultura diversificada no submédio São Francisco.

Durante o período em que esteve na iniciativa privada, continuou no exercício do magistério, atividade que exercia desde 1964. No período de 1º de março de 1964 a 07 de abril de 1965, foi Professor da disciplina de Entomologia e Parasitologia Agrícolas da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco - FAMESF. Em 07 de abril de 1965, foi remanejado para a disciplina de Sociologia Rural e Extensão Agrícola, daquela Faculdade, permanecendo até janeiro de 1973.

Em 1974, a SUVALE é extinta. Para sucedê-la, foi criada a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF, pela Lei nº 6.088, de 16 de julho de 1974.

Em 1976, José Theodomiro encerra as atividades na iniciativa privada e retorna ao serviço público, ingressando na CODEVASF, onde exerceu as funções de Chefe da Divisão de Produção e Desenvolvimento Rural e Chefe da Assessoria de Planejamento da 2ª Diretoria Regional - DR, Salvador – BA.

Para melhor exercer as funções que lhe eram atribuídas, participou de diversos cursos de aprimoramento e de formação profissional continuada.

No período de 7 de março a 7 de maio de 1960, fez o VII Curso de Extensão Rural e Crédito Rural Supervisionado, promovido pelo Centro Regional de Treinamento para o Nordeste - CETREINO, em Recife-PE.

De 18 de março a 3 de maio de 1968, participou do Curso de Treinamento de Equipes Técnicas para Intervenção em Áreas Prioritárias do Nordeste, promovido pela – SUDENE, no Instituto de Ciências do Homem – UFPE – Recife – PE.

De 3 de maio a 1º de julho de 1971, fez o X Curso Breve Interamericano sobre Formulação de Programas e Identificação de Projetos para o Desenvolvimento Integral de Recursos de Água e Terra – CIDIAT, na cidade de Mérida – Venezuela – promovido pela Organização dos Estados Americanos – OEA.

No período de 27 de abril a 24 de julho de 1981, na Escola Central de Capacitação Agrária de San Fernando de Henares, fez o SÉTIMO CURSO INTERNACIONAL DE EXTENSÃO RURAL, organizado pela Direção Geral de Investigação e Capacitação Agrárias do Ministério de Agricultura e Pesca da Espanha e pelo Programa de Desenvolvimento Rural da Organização dos Estados Americanos - OEA, com a colaboração da Direção Geral de Cooperação Técnica Internacional do Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha. Como pré-requisito para participar do SÉTIMO CURSO INTERNACIONAL DE EXTENSÃO RURAL, apresentou, em abril de 1981, na cidade de Madri, o trabalho de sua autoria “A Região Nordeste do Brasil”.

Participante da XV Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, apresentou o trabalho de pesquisa de sua autoria, publicado pela revista científica do Instituto Biológico de São Paulo: “Primeiros Estudos para Produção de Sementes Sadias de Feijão em Regiões Áridas do Nordeste Brasileiro”.

Em 1989, em reconhecimento a dedicação desse valoroso agrônomo pernambucano, é indicado representante da CODEVASF no Comitê Executivo de Estudos Integrados da Bacia Hidrográfica do São Francisco – CEEIVASF, sendo eleito Presidente do CEEIVASV pelos seus pares, permanecendo no exercício da Presidência até os últimos dias de vida.

Foi Assessor da CIPE São Francisco - Comissão Interestadual Parlamentar para o Desenvolvimento Sustentado do rio São Francisco.

Em novembro de 1995, é designado Secretário Executivo do Instituto Manoel Novaes - IMAN, acumulando esta função com a de Presidente do CEEIVASF e a de Presidente de Honra da Seccional da União das Prefeituras do Vale do São Francisco do Médio São Francisco Inferior - UNIVALE

Na área de Assessoria, prestou orientação técnica à Federação da Agricultura do Estado da Bahia acerca de estudos e pesquisas concernentes ao papel da irrigação no desenvolvimento da agropecuária nordestina.

Colaborou no segmento do Programa de Economia II – Parte específica: desenvolvimento do São Francisco, no Curso de Mestrado em Economia da UFBA.

Colaborou no segmento Alternativas Energéticas, sob orientação do Professor Jair Melo, no curso de Mestrado de Engenharia Nuclear da UFMG.

No exercício da Presidência do CEEIVASF, realizou várias conferências e pronunciamentos a respeito da utilização racional dos recursos hídricos da bacia hidrográfica do rio São Francisco.

Proferiu palestras nas Comissões Interestaduais Parlamentares para o Desenvolvimento do rio São Francisco – CIPEs, das Assembleias Legislativas dos Estados de Minas Gerais (julho de 1992), e de Pernambuco (outubro de 1992).

Em setembro de 1995, fez palestra no Senado Federal, por ocasião do Painel sobre Política de Recursos Hídricos de Gerenciamento da Bacia do São Francisco.

Em novembro de 1996, fez pronunciamento dirigido ao Ministro do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, por ocasião da reunião da Comissão Interestadual Parlamentar para o Desenvolvimento do rio São Francisco – CIPE na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais.

Realizou a conferência “Agricultura de Irrigação e Desenvolvimento das Áreas Semiáridas” para o corpo docente e discente da Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia.

Já conhecido nacionalmente como a figura mais dedicada à causa do rio São Francisco, a agenda dele era recheada de reuniões e de convites para proferir palestras em Universidades, para participar de encontros e para fazer pronunciamentos nas Assembleias Legislativas dos Estados e nos Ministérios.

Em junho de 1995, foi convidado pelo Cerimonial da Presidência da República, por determinação do Presidente Fernando Henrique Cardoso, para integrar a comitiva presidencial na viagem à nascente do São Francisco, na Serra da Canastra, ocorrida no dia 5 de junho desse ano. Na oportunidade, fez um pronunciamento agradecendo o convite, ressaltando a importância do evento, quer pela escolha do local, quer pela data, por ser comemorado nesse dia, o “Dia Mundial do Meio Ambiente”. No próprio pronunciamento, José Theodomiro conclamou os Governos Federal, Estaduais e Municipais, as ONGs e a sociedade para preservarem o rio com carinho e respeito, declarando: “este rio corre nas minhas veias e deságua no meu coração”.

Publicou vários trabalhos com o objetivo de divulgar a importância do rio São Francisco e a necessidade de preservá-lo, destacando-se:

“O Além São Francisco – A Região e o Homem” - UFBA;

“A Equação do São Francisco” - Revista Análise Dados – Centro de Estatística e Informação – CEI/Seplantec – BA, 1993;

“O São Francisco Reclama Atenção” - Revista Análise Dados – Centro de Estatística e Informação – CEI/Seplantec – BA, 1994;

“O Velho Chico, Rio da Unidade Nacional ou da Discórdia Nacional?” - Revista do Instituto de Memória do Povo Cearense – IMOPEC, 1994;

“Histórias de Um Rio Sem História” – Revista do Legislativo de Minas Gerais, outubro de 1994; e

“O Médio São Francisco Baiano... Por Dentro” - Relatório de Viagem.

De todas as figuras estudadas e homenageadas como a do Ferdinand Halfeld (1797-1893); Delmiro Gouveia (1863-1917); Geraldo Rocha (1881-1959); Manoel Novaes (1908-1992) e outras mais que trabalharam pelo rio São Francisco, destaca-se o vulto singular do Engenheiro Agrônomo José Theodomiro de Araújo.

Dono de um formoso estilo e de uma cultura acumulada com silenciosa e jesuítica paciência, o José Theodomiro considerou oportuno e necessário escrever também o próprio livro dele acerca do Rio São Francisco, escolhendo para título: “O VELHO CHICO, UMA PAIXÃO”, no qual concentra toda a síntese de sua dedicação ao rio São Francisco.

José Theodomiro foi, efetivamente, a inteligência mais aguda e pronta que o rio São Francisco já teve a seu serviço.

A verdade acudia-lhe por intuição, por instinto, e, servido por essas qualidades,

pesquisava, incansavelmente, nos livros e documentos. E com essa busca incessante, aguçava a virtude maior que possuía, a qual consistia na posse integral daquilo que se pode chamar o sentido absoluto da realidade do rio São Francisco.

Pernambucano de nascimento, considerava-se baiano de coração. Pernambuco servira-lhe de berço, a Bahia lhe dera a formação acadêmica que lhe proporcionou fazer do rio São Francisco a razão de sua existência.

Em 18 de março de 1998, a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia concede ao Eng.º Agrônomo José Theodomiro de Araújo o Título Honorífico de Cidadão Baiano.

Outros Estados, também, queriam-no como filho, concedendo-lhe títulos oficiais que muito o honraram.

A Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, por meio da Resolução nº 9 de 16 de agosto de 2000, concede o Título Honorífico de Cidadão Sergipano ao Eng.º Agrônomo José Theodomiro de Araújo.

Pela Lei nº 6.358, de 20 de Janeiro de 2003, o Governador do Estado de Alagoas concede o Título de Cidadão Honorífico do Estado de Alagoas ao Eminente Engenheiro Agrônomo José Theodomiro de Araújo.

Pelos relevantes serviços prestados ao Vale do São Francisco, foi homenageado com duas Placas de Prata concedidas pela SUVALE e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA.

Foi “Destaque do Ano – Empresário Agrícola”, atribuído pelo Clube dos Castores, em 1975.

Foi homenageado com o título “Benemérito do São Francisco” - Outorgado pelas Prefeituras de Lagoa da Prata – MG, Moema – MG e Luz – MG.

Recebeu o diploma de “Personalidade Símbolo do Vale do São Francisco”,

auferido pela CODEVASF, em seu Jubileu de Prata.

Contudo, a homenagem que lhe haveria de tocar mais forte o coração foi a que teve origem na disposição afetiva do povo ao lhe nomear, respeitosamente: “VELHO DO RIO”. Velho não pelos precoces cabelos brancos, nem pelas rugas evidenciadas por exposição ao sol do Semiárido, mas, sim, pela vida efêmera de mais de meio século dedicada a uma nobre causa: o rio São Francisco.

Aos 66 anos, José Theodomiro faleceu. Para muitos, faleceu antes do tempo.

No dia 04 de dezembro de 2003, Deus onisciente levou-o para o reino do céu ao julgar que o “VELHO DO RIO” já realizara muito aqui na terra pelo amor aos estudos, pela tenacidade no trabalho, pela curiosidade do espírito, pelas virtudes que, enfim, fizeram da própria inteligência dele uma força em marcha.

Para Deus não era mais necessário ao “VELHO DO RIO” transpor a Ponte Presidente Dutra, agora reformada e duplicada, para participar de eventos como o que resultou na assinatura da carta de Petrolina, em junho de 2011, pela qual os signatários dos Governos Federal, Estaduais e Municipais, diversas ONGs e a sociedade em geral assumem o compromisso formal com a revitalização e melhoria de vida dos povos da bacia hidrográfica do rio São Francisco.

Mas, em setembro de 2003, Deus ainda lhe permitiu participar na CÂMARA DOS DEPUTADOS, na Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias, do encontro acerca do Projeto São Francisco. Sob a coordenação do então Vice-Presidente da República José Alencar, nesse encontro, o “VELHO DO RIO” expôs, para a surpresa de alguns e aplausos de todos, as suas ideias a respeito da revitalização e da transposição das águas do rio da Unidade Nacional.

Em mensagem veiculada na comunidade TQS, o Engenheiro Francisco Nelson de Souza Filho lamentou o desaparecimento do “VELHO DO RIO” enfatizando: “perdeu

o Brasil um grande brasileiro e um grande cientista. Perdeu o “Velho Chico” seu melhor amigo e maior defensor”.

O rio São Francisco, que no próprio caminho revela a memória do Brasil, alheio ao desaparecimento súbito do “VELHO DO RIO”, “chora”, até hoje, a ausência do seu mais estimado e respeitado defensor. José Theodomiro defendeu o rio São Francisco com ideias de um apóstolo, desde a nascente no Chapadão do Zagaia à foz onde o Velho Chico, no dia 5 de dezembro de 2003, sepultou no ventre do mar o sorriso do “VELHO DO RIO”. Mas o apelo desse eminente agrônomo é um grito de alerta que deve ser ouvido pelos barranqueiros, pelos pescadores, pelos agricultores, pelos técnicos, pelos políticos, pelos remeiros, pelos quilombolas, pelos indígenas. Trata-se de um grito que os vaqueiros se encarregaram de propagá-lo no eco do aboio deles e irradiá-lo pelas camadas humanas na imortalização desse brasileiro.

Ninguém, que conhecesse José Theodomiro, ousaria contestar o trabalho magistral realizado por ele, originário da força de um cérebro incomparável. Mas o “VELHO DO RIO”, mais do que um cérebro forte e criativo, possuía uma alma pura e um coração humanitário: possuía, em suma, a força nova que salvaria o rio São Francisco da poluição e da degradação ambiental.

E tão comovida é a saudade que o “VELHO DO RIO” nos deixou, que a preservação da figura dele requer que se erga um pedestal à margem do rio São Francisco, na divisa das cidades de Petrolina e Juazeiro, sobre o qual seja elevada a estátua desse herói e nela gravada esta frase, que resume a vida de um apóstolo:

JOSÉ THEODOMIRO: VELHO DO RIO, O BOM.

Brasília, 12 de setembro de 2011